

A utilização de narrativas autobiográficas na construção de conhecimentos didáticos sobre expressão plástica

Lúcia Grave Magueta¹
lucia.magueta@ipleiria.pt

¹Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Resumo

A comunicação e artigo apresentarão um estudo que incidiu sobre a realização de narrativas autobiográficas enquanto experiência educativa no contexto da formação em Educação Básica. O estudo efetuado teve como objetivo perceber que conhecimentos didáticos sobre a prática da expressão plástica emergem quando os estudantes – futuros educadores e professores – recordam experiências vividas enquanto crianças nos primeiros anos de escolaridade e as descrevem em narrativas. Assim sendo, a recolha de dados realizou-se nos momentos iniciais de uma unidade curricular de didática das expressões e consistiu na produção de narrativas autobiográficas, de carácter memorialístico. Esta recolha constituiu-se também como forma de avaliação diagnóstica, essencial para delinear um processo de formação sobre metodologias de ensino nas áreas artísticas. A investigação seguiu uma metodologia de estudo de caso, tendo os dados recolhidos sido tratados através da análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que, para os professores em formação, as memórias da expressão plástica vivida enquanto alunos se traduzem em «experiências positivas» e «experiências negativas». O debate em torno das narrativas produzidas permitiu analisar as experiências relatadas, mobilizando e construindo novos conhecimentos didáticos. Verificou-se que as narrativas autobiográficas contribuíram para a formação sobre metodologias da expressão plástica, pois as experiências dos estudantes foram recordadas e ressignificadas, tendo sido os principais contributos: a identificação de tipos de práticas que são facilitadoras e de outras que, pelo contrário, são inibidoras da expressão através da linguagem plástica; a caracterização de diferentes modos de atuação do professor face a especificidades das experiências com a expressão plástica; a compreensão da importância da diversificação de estratégias de ensino no âmbito da expressão plástica. Esta investigação permitiu também refletir sobre a importância da utilização de narrativas autobiográficas enquanto instrumento de pesquisa sobre o desenvolvimento profissional dos professores.

Palavras-Chave: expressão plástica; formação de professores; narrativas autobiográficas

1 Introdução

Este estudo incide sobre a utilização de narrativas autobiográficas enquanto experiência educativa no contexto da formação de professores e pretende dar continuidade e aprofundar aspetos já analisados num outro estudo, de carácter exploratório, «A expressão plástica vivida por professores em formação: o papel das narrativas na ressignificação das experiências» (Magueta, 2015), que focou esta temática, mas que envolveu uma amostra mais restrita de participantes.

Com este estudo procurámos perceber que conhecimentos didáticos sobre a expressão plástica, enquanto experiência de ensino e aprendizagem, se constroem quando futuros professores recordam experiências vividas enquanto alunos dos primeiros anos de escolaridade. De igual modo, quisemos também perceber a importância que podem ter as narrativas autobiográficas enquanto instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional de professores

em formação. A recolha de dados foi realizada no contexto do curso de licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, junto de estudantes do 3.º ano, e enquadrada no desenvolvimento da unidade curricular de Didática das Expressões.

Atualmente, a formação dos professores que trabalham com crianças nos primeiros anos (O a 12 anos) inicia-se com o curso de Educação Básica. Este está estruturado em conformidade com o disposto no Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio e com o Despacho n.º 9509/2014, de 22 de julho, tendo a duração de três anos letivos, organizado em seis semestres, correspondendo a 180 ECTS e à atribuição do grau de licenciatura. As unidades curriculares enquadram-se nas áreas científicas de Formação na Área da Docência (que compreende as áreas de Português, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia de Portugal e Expressões), Formação Educacional Geral, Didáticas Específicas e, também, a componente de Iniciação à Prática Profissional. O seu principal objetivo é proporcionar conhecimentos e competências teóricas, práticas e metodológicas nas áreas de docência do ensino básico, de forma a promover o saber e a motivação dos profissionais, para que dinamizem o seu próprio desenvolvimento e trabalho em projetos empreendedores e inovadores, ligados às áreas da docência e às ciências da educação.

A recolha foi desenvolvida em dois anos letivos e consistiu na produção de narrativas autobiográficas, de género memorialístico, tendo envolvido 29 estudantes. O conteúdo destas narrativas permitiu que as abordagens da didática da expressão plástica surgissem contextualizadas, tendo como pontos de partida algumas das experiências relatadas.

2 Enquadramento teórico

Para contextualizar teoricamente o presente estudo, iremos referir-nos às "*narrativas autobiográficas como experiência de formação*" e à *expressão plástica enquanto experiência educativa*".

2.1 As narrativas autobiográficas como experiência de formação

A utilização de narrativas enquanto instrumento de pesquisa sobre o desenvolvimento profissional de professores tem sido utilizada por autores diversos (Zabalza, 2004; Passos & Galvão, 2011; Megid & Fiorentini, 2011; Oliveira, 2011; entre outros). As narrativas, no contexto das práticas educativas, são relatos de acontecimentos ou experiências que ocorrem num determinado tempo – passado ou presente – sendo relativos à experiência escolar ou profissional ocorrida na escola, sala de aula ou grupo de trabalho. O professor ou o estudante são os autores, os narradores e os protagonistas principais das situações relatadas (Megid & Fiorentini, 2010). Ao escrever, os professores em formação "revelam os seus saberes, experiências e identidade e os seus discursos expressos são fruto do processo formativo e autoformativo", assim, "as narrativas autobiográficas são instrumentos potencializadores de aprendizagens e de compreensão da prática docente" (Gaspar et al., 2012, p. 7). Ser professor exige a construção de um modo pessoal de ensinar com base na compreensão dos conteúdos, no uso dos recursos, na seleção das estratégias e no conhecimento dos alunos, que acontece de forma gradual. A este respeito, Oliveira (2011) refere que "não se trata de um conhecimento pronto que deva ser assimilado pelo futuro professor, mas construído por ele ou ela ao longo da vida" (p. 241). Para esta autora, a narrativa "como recurso formativo funciona como sincronizador pessoal, na medida em que possibilita ao professor ou futuro professor sincronizar essas experiências formadoras que estão em tempos e espaços diferentes atribuindo um sentido, uma unidade".

2.2 A expressão plástica enquanto experiência educativa

A importância da expressão plástica enquanto experiência educativa tem sido salientada por autores diversos como Luquet (1969), Lowenfeld (1977), Gonçalves (1991), Rodrigues

(2002), Sousa (2003a), entre outros, e refere-se, enquanto conceito, ao "modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos"(Sousa, 2003a, p. 159). O desenho, a pintura, a modelação e as construções são alguns meios de expressão plástica em que se podem utilizar materiais diversificados e que se podem constituir como experiências educativas. A expressão plástica não se centra na produção de obras de arte, mas sim, na expressão de emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos (Sousa, 2003a). A "plástica" é uma linguagem, uma forma de expressão que tem uma gramática visual mediante a qual podemos expressar-nos e comunicar com os outros. É uma linguagem que permite gerar a aquisição de novos conhecimentos, desenvolver a sensibilidade e a criatividade, enriquecer a capacidade de comunicação e expressão e ampliar a forma de ver, entender e interpretar o mundo (Civit & Colell, 2004).

No que diz respeito a formas de concretização da "expressão plástica" em contextos de educação, os professores devem contribuir para que a crianças alarguem os seus conhecimentos e, por isso, devem apresentar-lhes diferentes técnicas, instrumentos e materiais, através de experiências que estimulem a sua criatividade. Deste modo, as crianças podem "aprender algo de novo, dominar técnicas novas e compreender as regras da linguagem visual"(Munari, 1987, p. 125). Também Almeida (2001), Sousa (2003a; 2003b) e Santos (2006) salientam estes aspetos, reforçando que importa desenvolver a espontaneidade e a liberdade de expressão, logo, a criança deve poder escolher livremente os seus temas, pois ela "fá-lo naturalmente, visto que o tema está sempre nela (são as suas aspirações e preocupações predominantes), exprimindo-o ludicamente, ao agrado da sua própria imaginação"(Gonçalves, 1991, p. 12).

Consideramos, na linha de contributos teóricos como os de Pimentel (2010) e Duncum (2010), que as práticas devem incluir o uso das tecnologias contemporâneas, explorando aquilo em que estas podem contribuir para a construção de conhecimento. Referimo-nos, por exemplo, ao acesso a informação sobre processos e procedimentos de produção artística e sobre modos de criação de diferentes povos e culturas, facilitando assim o reconhecimento da diversidade cultural. As experiências em expressão e educação visual que envolvem a utilização de tecnologias, também podem permitir pensar sobre arte, fruir e criar.

Para Santos (2006), trabalhar as artes na escola significa abordar a arte como «construção do conhecimento, proporcionando à criança os meios para a realização de experiências no fazer artístico, na apreciação da obra de arte e na reflexão sobre o seu produto» (p. 8). O desenvolvimento da imaginação, da expressão e da sensibilidade ocorre a partir do conhecimento que a criança tem sobre o que faz (fazer artístico), o que percebe (obra de arte) e do que pensa e sente (reflexão).

3 Metodologia

Neste estudo, de caráter descritivo e qualitativo, seguimos uma metodologia de estudo de caso. Os principais objetivos que orientaram as ações de investigação foram: (1) perceber que conhecimentos didáticos sobre as práticas de ensino-aprendizagem da expressão plástica os futuros professores constroem quando recordam experiências vividas enquanto alunos nos primeiros anos de escolaridade; (2) perceber qual a importância das narrativas autobiográficas enquanto instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional de professores em formação.

As ações que desenvolvemos foram orientadas pela questão: *que conhecimentos didáticos sobre expressão plástica se constroem quando os futuros professores recordam experiências vividas enquanto alunos?*

A recolha de dados efetuou-se junto de estudantes do curso de licenciatura em Educação Básica, futuros professores, no contexto da unidade curricular de Didática das Expressões. Esta recolha teve lugar nos anos letivos de 2013/2014 e 2014/2015, tendo envolvido uma amostra de 29 estudantes que escreveram narrativas autobiográficas, de caráter memorialístico, acerca das suas experiências vividas na infância, enquanto alunos. Foi proposto aos participantes que, num registo manuscrito, respondessem à proposta: Produza uma narrativa

a partir da sua experiência com a expressão plástica enquanto estudante, resgatando memórias em relação a momentos do ensino e aprendizagem. Esta formulação teve como referência os estudos de Passos (2011) por, à semelhança dos mesmos, envolver professores em início de formação.

Na escrita das narrativas, os estudantes recorreram à memória e à lembrança de acontecimentos significativos; escreveram sobre si mesmos, enquanto crianças e alunos; situaram as suas experiências no contexto da vida escolar passada há 10-14 anos, pois os relatos referiam-se a experiências vivenciadas entre 1999 e 2004.

Na análise ao conteúdo das narrativas, fez-se «a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação» (Berelson, 1952, cit. Por Vala, 1986, p. 103), seguindo os procedimentos propostos por Bardin (2000, p. 120), nomeadamente, formando categorias, através da «passagem de dados brutos a dados organizados».

4 Síntese de resultados

Nas suas narrativas, os estudantes representaram de forma muito pessoal as suas vivências, contendo estas alguns dados muito factuais sobre as suas experiências de aprendizagem e também muitos dados de carácter subjetivo, referindo-se a sensações, sentimentos e emoções.

Luwisch (2002) sugere que na análise de narrativas os dados sejam tratados de uma forma inteiramente pragmática, analisados por temas comuns, imagens, enredos, etc., com o objetivo de se identificarem ideias gerais ou de se clarificarem conceitos através das narrativas recolhidas. Assim sendo, apesar de se constatar a dispersão que referimos, identificaram-se duas grandes categorias de análise: as *experiências positivas* e as *experiências negativas*. Na análise ao conteúdo das narrativas, tomámos como unidades de registo, as evidências que, de algum modo, representavam características das situações de ensino e aprendizagem e que podiam corresponder a conhecimentos didáticos sobre expressão plástica.

4.1 As experiências positivas

Nas diferentes narrativas verificou-se que eram evidenciadas como positivas as experiências que proporcionavam o contacto com novos materiais e técnicas e a autonomia no processo criativo e expressivo. Também se enquadraram nesta categoria as referências que evidenciavam o interesse e o significado pessoal da experiência artística. Apresentam-se no seguinte quadro as unidades de registo que constituem a categoria «experiências positivas» e respetivas subcategorias.

4.2 As experiências negativas

Foram também narradas experiências que se traduziam como «Experiências negativas». A falta de motivação e interesse pela experiência artística e as práticas e atitudes do(a) professor(a) perante a experiência artística determinaram que as experiências recordadas fossem sentidas como negativas. Apresentam-se no Quadro 2 as unidades de registo que constituem esta categoria e as respetivas subcategorias.

4.3 Das experiências vividas aos conhecimentos didáticos

Eu vou ser diferente da professora que tive. Em vários momentos do desenvolvimento da unidade curricular de Didática das Expressões se debateu o conteúdo das narrativas e o seu significado. De igual modo, também se debateram as formas como devia o professor intervir, gerir e conduzir as atividades de expressão plástica. Destes momentos de contraposição das experiências vividas com os conhecimentos didáticos em construção, surgiram as respostas para a questão de investigação que orientou este estudo de caso. Na Tabela 3, apresentam-se os conhecimentos didáticos sobre expressão plástica que se construíram quando os futuros

Tabela 1: Registos relativos à categoria experiências positivas

<p>Categoria experiências positivas</p> <p>Subcategoria contacto com novos materiais e técnicas</p> <p><i>Esta atividade destacou-se de todas as outras</i></p> <p><i>Tive várias experiências com vários materiais</i></p> <p><i>Éramos nós próprios a fazer a plasticina com que mais tarde trabalhávamos</i></p> <p><i>Trabalhámos com os materiais tradicionais da terra onde vivia e fizemos cestos</i></p> <p><i>Lembro-me de usar folhas de árvore em colagens e fazer carimbos de batata (ainda hoje uso esta técnica para decorar papel de embrulho)</i></p> <p><i>Houve uma experiência que me marcou: usar estanho para personalizar uma caixa</i></p> <p><i>Recordo-me ter feito uma tecelagem num tear de cartão</i></p> <p><i>Fazíamos trabalhos com materiais de desperdício</i></p> <p><i>Construíamos fantoches com materiais variados – tecidos, colher de pau, meias velhas, etc.</i></p> <p><i>Recordo-me de fazer enfeites de Natal com dobragens</i></p> <p><i>Para pintar, usávamos os materiais habituais e também outros menos habituais, como o café, por exemplo</i></p> <p><i>As folhas de árvore secas serviam sempre para vários trabalhos como colagens, impressões e frottage</i></p> <p><i>Fazia-se alguns trabalhos de pintura ao ar livre, no recreio, para que secassem mais depressa</i></p>
<p>Subcategoria Autonomia no processo criativo e expressivo</p> <p><i>Escolhi fazer as letras do meu nome em pasta de modelar e adorei</i></p> <p><i>Compreendi que não é preciso saber desenhar bem para nos podermos exprimir e lançar as nossas ideias para o papel</i></p> <p><i>«Eu escolhia sempre desenhar os meus desenhos animados favoritos»</i></p> <p><i>«Adorava fazer papéis recortados e fiquei especialista nesta técnica»</i></p> <p><i>«Na parte de construir, colar, encaixar, conseguia sempre fazer tudo sozinha»</i></p> <p><i>«Na sala havia uma caixa com vários materiais que podíamos escolher»</i></p> <p><i>«Acima de tudo, gostava de mexer nos materiais e inventar alguma coisa»</i></p> <p><i>«No fim da atividade, tínhamos de explicar como tínhamos feito»</i></p>
<p>Subcategoria «Interesse e significado pessoal da experiência artística»</p> <p><i>«Foi um trabalho que me cativou muito»</i></p> <p><i>Deu-me muito gosto realizar este trabalho</i></p> <p><i>Tenho saudades de trabalhar com esse tipo de materiais</i></p> <p><i>Recordo-me com carinho do momento em que comecei a picotar, aos 5 anos</i></p> <p><i>Acho que tive sorte por ter tido tantas atividades de expressão plástica</i></p> <p><i>Lembro-me de ficar contente com o resultado final e de querer fazer mais</i></p> <p><i>O dia em que tinha expressão plástica era o meu dia de aulas preferido</i></p> <p><i>Era sempre necessário arrumar e limpar todo o material, lembro-me disso ainda hoje</i></p> <p><i>As experiências que vivi fazem-me, ainda hoje, gostar de experimentar e ver o que sai dali</i></p>

Tabela 2: Registos relativos à categoria «Experiências negativas»

<p>Categoria «Experiências negativas»</p> <p>Subcategoria «Falta de motivação e interesse pela experiência artística»</p> <p><i>«Sempre detestei educação visual, pois tínhamos de trabalhar com régua e esquadro»</i></p> <p><i>«A minha experiência com a expressão plástica nunca foi boa»</i></p> <p><i>«Pensava sempre que não ia conseguir fazer os trabalhos»</i></p> <p><i>«Nunca fui boa a desenhar nem a pintar»</i></p> <p><i>«Sempre tive algumas dificuldades em me exprimir»</i></p> <p><i>«Alguns trabalhos que me solicitavam corriam mal e isso deixava-me desanimada»</i></p> <p><i>«Nunca me sentia capaz de responder ao que era pedido»</i></p> <p><i>«Nunca tive jeito para trabalhos manuais»</i></p> <p><i>«Não tenho recordações marcantes, porque nunca me interessei pelas expressões»</i></p> <p><i>«Só fazia plástica, porque tinha de fazer»</i></p> <p><i>«Esta área não me cativava da mesma forma que outras, como a música, por exemplo»</i></p>
<p>Subcategoria «Práticas e atitudes do(a) professor(a) perante a experiência artística»</p> <p><i>«A professora criticava sempre os meus trabalhos»</i></p> <p><i>«Ela elogiava sempre os mesmos alunos»</i></p> <p><i>«Não saíamos da rotina. Usávamos sempre os mesmos materiais»</i></p> <p><i>«Nunca usámos tintas ou barro»</i></p> <p><i>«Era cansativo fazer alguns trabalhos»</i></p> <p><i>«Eu ficava com medo sempre que tinha de desenhar»</i></p> <p><i>«Quando a professora estava ao pé de mim, eu parava logo de desenhar.»</i></p> <p><i>«Ela corrigia tudo o que eu fazia»</i></p> <p><i>«Quase não fazíamos expressão plástica»</i></p> <p><i>«Fazíamos um desenho na folha da cópia, se houvesse espaço»</i></p> <p><i>«Só fazíamos desenhos e se houvesse tempo ao fim do dia»</i></p> <p><i>«Só fazíamos trabalhos para datas festivas»</i></p> <p><i>«Praticamente, só coloríamos figuras»</i></p> <p><i>«Os trabalhos eram muito conduzidos e sempre de acordo com o que o professor gostava»</i></p> <p><i>«Tive um professor que não ligava a esta área, apenas fazíamos desenhos»</i></p> <p><i>«Acho que o professor nunca via os desenhos que fazíamos, pois nunca falava neles»</i></p> <p><i>«Hoje, que conheço o Programa do 1.º Ciclo, penso que fiz poucas coisas na Primária»</i></p>

professores recordaram experiências vividas enquanto alunos. Nesta tabela relacionámos as categorias e subcategorias anteriormente apresentadas com o conhecimento construído.

Durante o processo de formação é essencial que os futuros professores desenvolvam competências que lhes permitam compreender o desenvolvimento da criança quanto ao uso da

Tabela 3: Correspondência entre as categorias de análise e os conhecimentos didáticos.

Categorias	Subcategorias	Conhecimentos didáticos
Experiências positivas	Contacto com novos materiais e técnicas	Seleção de experiências com meios, técnicas e materiais diversificados. Valorização de matérias-primas locais e do conhecimento de modos de transformar através de processos artesanais. Uso de vocabulário específico relacionado com a preparação das matérias-primas e com a produção de objetos. Valorização dos ofícios tradicionais, reforçando a identidade cultural.
	Autonomia no processo criativo e expressivo	Seleção de experiências que permitem aos alunos observar e refletir sobre a realidade, desenvolvendo a sua autonomia e pensamento crítico e que constituem «desafios» para os quais devem criar soluções individuais e únicas.
	Interesse e significado pessoal da experiência artística	Criação de um clima de aula favorável à espontaneidade, onde o professor elogia e estimula o esforço criativo e expressivo e possibilita a experimentação, valorizando a ação vivida pela criança.
Experiências negativas	Falta de motivação e interesse pela experiência artística	Diversificação de estratégias de ensino, que privilegie: experiências de observação em diversos tipos de espaço (sala de aula, recreio, parque, rua); atividades que associem a expressão plástica ao uso das TIC (o uso do computador, máquina fotográfica, entre outros equipamentos); visitas de estudo que proporcionem o contacto com artistas e obras; abordagens a conteúdos levando os alunos a pensar, compreender e a usar os novos conhecimentos nas suas produções plásticas; a utilização da internet para consultar sítios de artistas e de museus, pesquisar imagens e realizar trabalhos artísticos digitais.
	Práticas e atitudes do(a) professor(a) perante a experiência artística	Seleção de experiências tendo como referência os documentos curriculares, contemplando assim a amplitude de experiências de aprendizagem que se preveem para cada contexto de escolaridade. Avaliação das aprendizagens contemplando diversas dimensões do processo criativo e expressivo: acompanhar atentamente os alunos no seu processo de criação; analisar os trabalhos realizados; refletir com os alunos sobre as experiências vivenciadas; organizar de forma ordenada os trabalhos, de modo a perceber a evolução do desempenho dos alunos.

linguagem plástica; conhecer modelos e opções pedagógicas relativas às experiências expressivas e comunicativas com a linguagem plástica e planificar situações de aprendizagem, numa perspetiva de currículo integrado. Assim sendo, ainda que de uma forma mais indireta, das narrativas autobiográficas também emergiram outros tópicos de discussão que, por sua vez, tomaram forma de conhecimentos didáticos. Estes são alguns exemplos a salientar: (1) A importância de situar a expressão plástica numa dimensão de integração com outras áreas do currículo, particularmente em ligação com outras linguagens artísticas; (2) A importância de selecionar experiências que se adequem ao momento de desenvolvimento em que se encontram as crianças; (3) A importância de enquadrar a expressão plástica em abordagens contextualizadas, com crescente grau de complexidade, em que as aprendizagens cumulativas sejam requeridas; (4) A importância de preparar as condições necessárias e adequadas à realização de atividades de expressão plástica, prevendo os materiais didáticos e de desgaste necessários e prevendo espaços de trabalho adequados ao número de crianças e tipo de atividade.

5 Conclusão

Neste processo, os estudantes - futuros professores - puderam refletir sobre o valor pedagógico das experiências com a expressão plástica. Tendo por base as experiências narradas, analisaram-se e criticaram-se opções metodológicas, valorizando umas e rejeitando outras. Nestes momentos de contraposição, foram propostos modos de atuação do professor, estratégias, experiências de aprendizagem, acontecendo a ressignificação das experiências vividas, sendo agora estas experiências *lidas* à luz dos conhecimentos didáticos em construção. Com este estudo, verificámos que, indubitavelmente, as narrativas autobiográficas contribuíram para a formação dos futuros professores sobre metodologias da expressão plástica, pois as suas experiências foram recordadas e ressignificadas. Em síntese, destacamos os principais contributos:

- a identificação de tipos de práticas que são facilitadoras e de outras que, pelo contrário, são inibidoras da expressão através da linguagem plástica;

- a caracterização de diferentes modos de atuação do professor face a especificidades das experiências com a expressão plástica;
- a compreensão da importância da diversificação de estratégias de ensino no âmbito da expressão plástica.

6 Referências

- Almeida, C.M.C. (2001). Conceções e práticas artísticas na escola. In S. Ferreira (Org.), *O ensino das artes. Construindo caminhos* (pp. 11-37). São Paulo: Papyrus Editora.
- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Civit, L., & Colell, S. (2004). EducArt: intervenció educative y Expressió Plástica. *Educación Social*, 28, 99-118.
- Duncum, P. (2010). Seven principles for visual culture education. In *Art Education*, 63(1), 6-10.
- Gaspar, M., Pereira, F., & Passeggi, M.C. (2012). As narrativas autobiográficas e a formação de professores: uma reflexão sobre o diário de acompanhamento. In *Atas das III Jornadas de Histórias de Vida em Educação*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Retirado de <http://www.fpce.up.pt/iiijornadashistoriasvida/pdf>
- Gonçalves, E. (1991). *A criança descobre a arte*. Amadora: Raiz Editora.
- Lowenfeld, V. (1977). *A criança e a sua arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Luquet, G. H. (1979). *O desenho infantil*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Luwisch, F. E. (2002). O ensino e a identidade narrativa. *Revista de Educação*, 2(11), 1-12.
- Magueta, L. G. (2015). A expressão plástica vivida por professores em formação: o papel das narrativas na resignificação das experiências. In H. Pinto, M. I. Dias & R. G. Muñoz (Orgs.), *Atas da IV Conferência Internacional Investigação, Práticas e Contextos em Educação* (pp. 340-346). Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
- Megid, M. A., & Fiorentini, D. (2011). Formação docente a partir de narrativas de aprendizagem. *Interações*, 18(7), 178-203.
- Munari, B. (1987). *Fantasia, invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Lisboa: Edições 70.
- Oliveira, R. M. (2011). Narrativas de formação: aspetos da trajetória como estudante e experiências de estágio. *Interações*, 18(7), 229-245.
- Passos, C. (2011). As narrativas como potencializadoras no movimento de ensinar, aprender e formar-se. *Interações*, 18(7), 1-9.
- Passos, C., & Galvão, C. (2011). Narrativas de formação: investigações matemáticas na formação e atuação de professores. *Interações*, 18(7), 76-103.
- Pimentel, L. G. (2010). Educação artística. Construção de conhecimento e tecnologias. In T. Eça, M. Paridiñas, et al. (Orgs.), *Desafios da educação artística em contextos iberoamericanos* (pp. 87-97). Porto: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: Edições ASA.
- Santos, S. M. P. (2006). *Educação, arte e jogo*. Petrópolis: Editora Vozes.

- Sousa, A. S. (2003a). Educação pela arte e artes na educação. *Música e Artes Plásticas*, 3. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. S. (2003b). Educação pela arte e artes na educação. *Bases Psicopedagógicas*, 1. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In J. Madureira Pinto & A. Santos Silva (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 121-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Zabalza, M. (2004). *Diários de aula – um instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed.